



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO**  
**FACULDADE DE LETRAS**

**PRETA PATRÍCIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA MULTIMODAL DE  
RESSIGNIFICAÇÃO DE DISCURSOS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM  
INTERAÇÕES EM REDES SOCIAIS**

Ana Beatriz Pereira de Souza

Rio de Janeiro

2021

ANA BEATRIZ PEREIRA DE SOUZA

ANA BEATRIZ PEREIRA DE SOUZA

PRETA PATRÍCIA: UMA ANÁLISE CRÍTICA MULTIMODAL DE  
RESSIGNIFICAÇÃO DE DISCURSOS DE GÊNERO, RAÇA E CLASSE EM  
INTERAÇÕES EM REDES SOCIAIS

Monografia submetida à Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Letras na habilitação Português/Inglês.

Orientador: Prof. Dr. Rodrigo Borba

Rio de Janeiro

2021

## **Agradecimentos**

Preciso agradecer muito pelos pais que tenho. Maria e Ocimar, vocês sempre acreditaram que educação era o caminho e me apoiaram nas minhas escolhas. Minha mãe, sempre presente, sempre me impulsionando a seguir em frente. Sua frase “Você vai conseguir.” ecoa em mim nos momentos em que eu mais duvido de mim mesma. Meu pai, tão parecido e tão diferente de mim, seu apoio, mesmo que silencioso, foi fundamental para esse momento se realizar. Sem vocês, nunca conseguiria chegar onde estou. A graduação é uma vitória minha e de vocês.

Agradeço a mim também pela conquista. Sempre foi um sonho me formar, mas nos últimos tempos e próxima da completude, não conseguia evitar a dúvida se conseguiria. Sou grata por não desistir. Com a pandemia e notícias a todo tempo sobre a situação do mundo frente à Covid-19, foi um desafio não me deixar afogar pelas notícias tristes e canalizar forças para finalizar o ciclo da graduação.

A meus amigos, Victor, Tayná, Letícia e Geisiane por chorarem comigo, me apoiarem, pelos feedbacks e palavras de encorajamento. Victor, obrigada pela sua sensibilidade e inteligência ímpares, você é sempre aquele que oferece alternativas e abre caminhos. Tayná, pela sua fé, por crer em nosso sucesso e em que, no seu tempo, as coisas se resolvem. Letícia, pela sua torcida constante, você sempre cheia de positividade, não deixou meus ânimos esmorecerem principalmente nos momentos finais. Geisiane, pelo seu encorajamento tímido, mas presença constante; sua disponibilidade em compartilhar o que sabe também me trouxeram até aqui.

Ao meu orientador, Rodrigo Borba. Sua primeira resposta para mim foi “Sim.” e ela tem reverberado nos anos em que você, fielmente, me acompanha. Sempre presente, encorajador, sensível, atento, cuidadoso, empático e de competência imensurável. Obrigada por não desistir de mim, mesmo no meu silêncio. Desejo que todos, assim como eu, tenham um orientador tão engajado e que acredite tanto na sua capacidade quanto eu.

E, finalmente, obrigada a todos as professoras e professores que fizeram parte da minha trajetória. Com exemplos positivos e negativos, todos me fizeram a professora e pesquisadora que agora posso ser.

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>Introdução.....</b>	<b>3</b>
<b>2</b>	<b>Pressupostos teórico-metodológicos e problemas de pesquisa .....</b>	<b>6</b>
<b>3</b>	<b>Contextualização .....</b>	<b>12</b>
<b>4</b>	<b>Abordagens analítico-metodológicas .....</b>	<b>14</b>
<b>5</b>	<b>Metodologia de geração de dados .....</b>	<b>17</b>
<b>6</b>	<b>Análise .....</b>	<b>22</b>
<b>7</b>	<b>Considerações finais.....</b>	<b>29</b>
<b>8</b>	<b>Referências.....</b>	<b>31</b>

## 1 Introdução

Embora minha iniciação à pesquisa acadêmica tenha se mostrado mais tardia do que eu previra ao entrar na Universidade, acredito que cada percurso tenha sua própria justificativa. O desenvolvimento de minha identidade como linguista aplicada, embora não findada, talvez tenha que ter sido forjada por um período mais longo do que eu tenha gostado. Tal situação, no entanto, não se mostra como falha ou retardo, tendo em vista a própria escrita deste texto. Me propondo, então, a iniciar de fato minha carreira acadêmica, dou início a esse documento o qual finda uma etapa fundamental em minha formação, mas inicia, esperançosamente, uma etapa prolífica de minha carreira. Para tal, propus uma organização que possibilite ao leitor não só entender a análise proposta, mas sim compreender e acompanhar toda a trajetória e participar o mais ativamente possível – dadas as devidas limitações do gênero textual – nos estágios aqui descritos.

Minha proposta em focar o estudo em redes sociais se deu pelo fato desses ambientes oferecem novas possibilidades de inserção social e visibilidade para seus usuários. Dentre os usos promovidos por esses ambientes, destaco os usos particulares e distintos os quais a comunidade negra faz das redes. Estudos desenvolvidos por Bonilla e Rosa (2015) já demonstravam a promoção do ativismo digital por meio do uso da “#Ferguson” (*hashtag* Ferguson) no *Twitter*.

Aqui, vale uma breve explicação do caso. A notícia de que um policial branco havia assassinado, injusta e covardemente, um jovem negro, Michael Brown (18) em 2014 suscitou, juntamente com uma ressaca de casos semelhantes na cidade e em outros estados dos Estados Unidos, uma série de protestos contra a violência policial. O uso da *hashtag* foi perceptível em padrões de denúncia de abusos a partir de vídeos caseiros de cidadãos e fotos de protestos e manifestações coletivas e/ou individuais contra os casos de racismo.

Entendendo, então, o potencial discursivo de tais práticas, lanço um novo olhar a um objeto que, até o alcance de minha pesquisa, se mostrou pouco ou inexplorado em estudos de interação multimodal: *stories* de *Instagram*. Para o desenvolvimento deste intento, parto da Interseccionalidade e do Discurso como meus pilares pressupostos teórico-metodológicos.

Para além da delimitação de meu aporte teórico, se faz necessário explicar meu interesse temático. Embora sempre haver mostrado predileção por estudos de gênero e raça, leituras que buscavam a descrição e entendimento da mulher negra na sociedade industrial orientaram meu olhar para a atual pesquisa. Partiu, então, da leitura inicial de Davis (2016). Ao afirmar, no primeiro capítulo de seu livro, que “Os arranjos econômicos da escravidão contradiziam os papéis sexuais hierárquicos incorporados na nova ideologia.” (p. 25), Davis evidencia um modelo de performance feminina criado a partir do estabelecimento do Capitalismo Industrial pré-Guerra Civil estadunidense. Na nova conjuntura, ser mulher passou a se fundar em dois pilares: ser mãe e dona de casa. Entretanto, por ter seu papel já delimitado e mantido pela arquitetura escravocrata do século XVIII<sup>1</sup>, é necessário perceber que à mulher negra escravizada não era possível preencher os requisitos do novo ideário feminino.

À medida que essa nova ideologia de feminilidade se estabelecia, portanto, mulheres brancas eram cada vez mais desassociadas da esfera do trabalho produtivo. Por sua vez, mulheres negras escravizadas ainda se mostravam como grande parcela da mão de obra disponível na época. Seus status como tais eram, inclusive, fomentados e bem recebidos pelos novos industrialistas do Sul os quais viam-nas como muito mais lucrativas do que os trabalhadores negros escravizados tendo em vista que ““(…) seu custo de exploração e manutenção é menor do que o de homens no auge da força.”” (STAROBIN, apud DAVIS p. 166). Entender, então, as implicações das mudanças que se deram no estabelecimento do Capitalismo Industrial ataçaram-me o olhar para a necessidade de entender os lugares da mulher negra no atual contexto brasileiro.

Além disso, a escolha por interações sociais mediadas pela internet é justificada por se entender que, atualmente, a divisão entre práticas online e offline, ou seja, na e fora da rede de conectividade cibernética, se dissolveu e que a Internet está completamente incorporada em nossas práticas cotidianas. Nesse contexto, então, o Instagram se mostra como uma das novas redes sociais que passaram a figurar como pilares do que se conhece por Web 2.0<sup>2</sup>. Acrescento a isso o fato de o Instagram ser uma rede na qual se pode

---

<sup>1</sup> Embora tais papéis não possam ser universalizantes, tendo em vista uma leitura cuidadosa de Davis de antigos documentos que evidenciam o papel ativo de mulheres negras e homens negros escravizados e livres na luta por direitos.

<sup>2</sup> Marcada por uma fase na qual usuários deixam de ser apenas consumidores, mas tornam-se produtores de conteúdo.

perceber um grau significativo de controle por parte do usuário, liberdade e diálogo segundo O'Reilly (2005)<sup>3</sup>. A categoria de análise escolhida — Preta Patrícia —, por sua vez, me possibilita acompanhar os fluxos de interações em diversos ambientes, o que pode ser entendido como a proposta de seguir o meio, o canal; além de se tornar possível reconhecer e medir novas formas de socialização entre os usuários da rede; e de identificar a ressignificação de categorias que se relacionam ao objeto que fomentou meu interesse pelo tema.

Havendo explicado, no que acredito, da forma mais didática possível o caminho que percorri para contextualizar e justificar minha análise, delimito, finalmente, como meu objetivo geral, investigar os sentidos forjados pela categoria Preta Patrícia em redes sociais. Além desse, possuo, como objetivo específico investigar esses sentidos através de uma abordagem teórico-metodológica multimodal e interseccional. Para tal, me oriento a partir de três perguntas norteadoras, sendo elas: (1) De que forma a categoria “Preta Patrícia” é forjada em redes sociais e, mais especificamente, em vídeos curtos (*stories*) do *Instagram*?, (2) Como os sentidos são forjados discursivamente? e (3) Quais os efeitos desses sentidos?.

---

<sup>3</sup> “user control, freedom and dialogue.”, O'Reilly em Caliandro, 2017, p. 2.

## 2 Pressupostos teórico-metodológicos e problemas de pesquisa

Antes de dar continuidade à descrição dos objetos e geração de corpus, acredito que se faça necessário explicar dois conceitos importantes para o entendimento do lugar e relevância da minha pesquisa. O primeiro deles está relacionado à própria natureza de formação da expressão “preta patrícia”. Pela justaposição das duas palavras (preta + patrícia), a categoria me pareceu compreender diferentes aspectos, imediatamente perceptíveis, relacionados à raça e classe. Preliminarmente, somente por essa observância, me pareceu fundamental me apropriar do conceito de Interseccionalidade, visto que discursos de raça e classe parecem ser os pilares formativos da estrutura.

Interseccionalidade é entendida, no meu estudo, primeiramente, como a superposição e interseção de identidades sociais. O marco de inauguração do termo pode ser datado, oficialmente, de 1989 a partir da publicação em inglês do artigo “Demarginalizing the Intersection of Race and Sex: A Black Feminist Critique of Antidiscrimination Doctrine, Feminist Theory and Antiracist Politics”<sup>4</sup> pela advogada e ativista Kimberlé Crenshaw. Entretanto, como observado por Carla Akotirene em seu livro “O que é interseccionalidade?”, é possível traçar a presença do ideal desde meados do século XIX.

Carla Akotirene (2018) traça a raiz política da interseccionalidade a partir das experiências e reivindicações ignoradas de feministas negras. Como dito anteriormente, a autora pontua a idealização do conceito desde antes da publicação do artigo de Crenshaw. Segundo ela, em discurso de 1851 — *Ain't I a woman?*<sup>5</sup> —, Sojourner Truth, mulher negra, proferiu de forma pioneira a articulação de raça, gênero e classe durante a Convenção dos Direitos das Mulheres de Ohio, em Akron, Estados Unidos. O conceito de Interseccionalidade, então, parece surgir de uma crítica feminista às leis antidiscriminação a partir de Crenshaw e, segundo Akotirene, tem sido perigosamente esvaziado de sua matriz a partir da proposta por Sojourne Truth que propunha questionar a categoria de mulher universal, ou seja, branca, cisgênera e não escravizada/ livre.

Pensando em sua função geral, o termo visa propor possibilidades metodológicas práticas para se pensar ações que deem conta de identidades interseccionais. É o que

---

<sup>4</sup> Tradução livre: Desmarginalizando a intersecção de raça e sexo: Uma crítica do Feminismo Negro sobre a doutrina da antidiscriminação, Teoria Feminista e Política Antirracista

<sup>5</sup> Tradução livre: Não sou eu uma mulher?

Akotirene explica no trecho destacado abaixo no qual Interseccionalidade parece ter surgido como uma solução e/ou alternativa ao “feminismo branco, movimento antirracista e instâncias dos direitos humanos.” (p. 54):

(...) o termo demarca o paradigma teórico e metodológico da tradição feminista negra, promovendo intervenções políticas e letramentos jurídicos sobre quais condições estruturais o racismo, sexismo e violências correlatas se sobrepõem, discriminam e criam encargos singulares às mulheres negras. (AKOTIRENE, p. 54, 2018)

Por entender que “(...) mulheres negras são repetidas vezes atingidas pelo cruzamento e sobreposição de gênero, raça e classe, modernos aparatos coloniais.” (AKOTIRENE, p. 14, 2018) traço que o fracasso do feminismo em contemplar mulheres negras foi algo do qual a proposta de Interseccionalidade tentou dar conta. Entretanto, pensando o conceito, em segundo lugar, como uma proposta teórico-metodológica, Interseccionalidade pode se propor a preencher lacunas acadêmicas essencialistas dos feminismos e movimentos antirracistas. Além disso, o conceito auxilia na instrumentalização de movimentos antirracistas e feministas para lidar com pautas de mulheres negras.

Sabendo que

A interseccionalidade nos mostra mulheres negras posicionadas em avenidas longe de cisgeneridade branca heteropatriarcal. São mulheres de cor, lésbicas, terceiro mundistas, interceptadas pelos trânsitos das diferenciações, sempre dispostos a excluir identidades e subjetividades complexificadas, desde a colonização até a colonialidade (AKOTIRENE, p. 26, 2018)

Entendo que a Interseccionalidade propicia olhar e considerar tudo o que é deixado de lado em análises universalizantes e reducionistas, colocando, então, outridades<sup>6</sup> para, me permitindo a metáfora, sentar à mesa<sup>7</sup> (ou até construir uma mesa só delas, algo que espero conseguir explorar futuramente).

Uma definição mais direta e objetiva que dê conta dos pontos relevantes que elenquei aqui seria a proposta de Akotirene de que “(...) a interseccionalidade é, antes de tudo, lente analítica sobre a interação estrutural em seus efeitos políticos e legais.” (p. 58,

<sup>6</sup> E aqui recorro ao conceito de *Outra/o* explicado em “Memórias da Plantação” de Grada Kilomba, 2019.

<sup>7</sup> Referência ao terceiro álbum de estúdio da cantora e compositora norte-americana Solange, lançado em 2016 de nome “A Seat at the Table”.

2018). Isso significa que o conceito nos permite observar as nuances — e por que não dizer camadas e nós — das opressões de matriz colonial que estruturam as vivências de pessoas negras.

Uma outra proposta sobre o conceito é dada pelo professor Cristiano Rodrigues ao propor que “(...) a interseccionalidade estimula o pensamento complexo, a criatividade e evita a produção de novos essencialismos” (apud AKOTIRENE, p. 40, 2018). O entendimento disso é importante porque o que eu proponho nesta pesquisa não é uma essencialização a partir da categoria “Preta Patrícia”, até porque isso, em si, já iria de encontro à matriz fundadora do conceito que é propor olhares<sup>8</sup> não universalizantes e outros à experiência branca e patriarcal imposta.

Depois de percorrer o caminho, mais de uma vez, para entender a proposta, pois, consigo afirmar que Interseccionalidade é mais uma proposta metodológico-analítica do que somente sobre múltiplas identidades. Enquanto proposta, ela parece mobilizar, especialmente para mim, um olhar menos/ não reducionista, dando conta das identidades interseccionais da categoria “Preta Patrícia”, ampliando o olhar para o (novo) lugar forjado por essas mulheres negras. Além disso, complemento até: dando oportunidade de investigar como o discurso delas vai de encontro às identidades forçadas às mulheres negras pelo padrão colonial.

Entendendo isso, passo então para o segundo pressuposto teórico-metodológico caro à minha pesquisa: discurso. Me orientei pela leitura do livro “Discourse and Social Change” (1992) de Norman Fairclough. Apesar de não conceitualizar discurso a partir desse teórico, há um capítulo em seu livro que me ajudou a entender o que seria mais apropriado para minha pesquisa.

Na introdução de seu livro, Fairclough propõe que “(...) changes in language use are linked to wider social and cultural processes” (p. 1, 1992). Se mudanças linguísticas e linguagem em geral estão ligadas a processos sociais e culturais, passa a ser do interesse daqueles que estudam fenômenos sociais empreender análises linguisticamente orientadas. No meu caso, enquanto linguista aplicada e cientista, esse é o ponto de partida.

---

<sup>8</sup> E de fato, plurais.

Para desencadear uma análise como tal, no entanto, é necessário, primeiro, desenhar um método que dê conta dos aspectos linguísticos, sociais e políticos envolvidos. A isso, uma análise da esfera puramente linguística, a priori, me permite observar questões de vocabulário, gramática e semântica; em esfera pragmática, linguagem em uso; e na esfera da análise do discurso, o que é possível observar? Meu foco não é discorrer sobre a análise do discurso nesse momento, mas essa introdução é importante para entender o lugar do “discurso” enquanto pressuposto teórico-metodológico para mim.

Posto que falo de uma análise linguística, social e política, me agarro à afirmação de Fairclough de que “Foucault has had a huge influence upon the social sciences and humanities.” (p. 37, 1992). Dada a influência de Foucault nas áreas de estudos sociais, e entendendo a importância da linguagem nos processos sociais e culturais desencadeados, parece interessante pensar nas contribuições que o filósofo pode oferecer no desenvolvimento de um método de análise linguisticamente orientada. Principalmente de um método que vá além da observância de estruturas linguísticas.

Para tal, Fairclough justifica a separação de um capítulo exclusivo para tratar do estudo da Análise do Discurso e Michel Foucault, vejamos a justificativa abaixo:

The second reason for a chapter on Foucault has already been alluded to: the development of an approach to discourse analysis which is theoretically adequate as well as practically usable (...) (FAIRCLOUGH, p. 37, 1992)

O que se propõe é a síntese entre uma análise do discurso linguisticamente orientada<sup>9</sup> e de teorias sociais de linguagem e discurso. Há, segundo Fairclough, duas propostas teóricas dos estudos de Foucault importantes para incorporar à TODA. A primeira delas tem a ver com o que constitui discurso — e isso é o que se mostra importante para mim. Para Foucault, discurso parece, dialogicamente, constituir e construir a sociedade em suas diferentes dimensões. Em outras palavras, discurso é parte constituinte e agente de criação dos objetos de conhecimento, sujeitos e suas formas, e relações sociais de uma sociedade.

---

<sup>9</sup> Fairclough se refere à análise pela abreviação TODA, do inglês “textually- (and, therefore, linguistically) oriented discourse analysis.”

A segunda proposta parece estar muito ligada à primeira à medida que propõe, segundo Fairclough afirma, uma interdependência entre as práticas discursivas e a sociedade. O que ele parece propor é que textos sempre, ao mesmo tempo em que "bebem" da fonte, contribuem para a transformação de textos passados e futuros. Isso parece mostrar que qualquer texto — estando ele em construção no presente — é uma combinação de e formado pela relação com outros.

Nessa conjuntura, me surge a pergunta: de que forma as propostas de Foucault podem realmente auxiliar no desenho de um método de análise especializado? A essa, acrescento outra: qual a relevância da descrição e explicação do conceito de Discurso e da proposta a ser desenhada para o desenvolvimento da minha pesquisa?

Segundo Fairclough, Foucault formula que uma análise de enunciados<sup>10</sup> é apenas uma dentre várias formas de se analisar "performances verbais" (p. 40)<sup>11</sup>. Outras formas, segundo Fairclough, dão conta de análises de proposições, psicológicas e contextuais, e de gramaticalidade. Entendendo que estamos enumerando possibilidades de análise — e, portanto, afirmando que análise do discurso não pode ser reduzida somente a uma análise linguística — me encontro no ponto mais importante para explicar o porquê dessa cuidadosa explicação. Se a análise do discurso não pode ser reduzida à observação de gramaticalidade de estruturas somente, implica que o sentido de discurso não é reduzido somente à linguagem enquanto estrutura.

Se discurso não se trata somente da estrutura, o que ele é? Anteriormente, eu disse que discurso constitui e constrói, ao mesmo tempo, a sociedade. Se tomarmos isso como verdade, não podemos desenvolver uma análise do discurso que ignore implicações de ordem sócio-histórica. Isso parece mostrar um caminho no qual análise do discurso se preocupa com questões do campo dos sentidos criados e socialmente aceitos, compreendidos em um determinado tempo, se dando em um determinado espaço e legitimado por determinadas instituições.

O conceito de discurso a partir de Foucault parece melhor compreender as implicações discursivas que poderão se dar na análise da categoria "Preta Patrícia". Entender que objetos que constituem e transformam o discurso são também constituídos

---

<sup>10</sup> Do francês "énoncés"

<sup>11</sup> Do inglês "verbal performances".

e transformados *pelo* discurso é o que me impulsiona a investigar possíveis movimentações sociais ligadas e fomentadas pela e na linguagem. A análise linguisticamente orientada que me proponho a fazer, diferentemente da TODA, portanto, visa explorar a dimensão dos sentidos criáveis a partir da observação da categoria a partir da articulação de análise linguística, análise discursiva e análise multimodal.

### 3 Contextualização

É necessário entender, antes de seguir para o próximo capítulo, de que forma minha pesquisa se insere sócio-historicamente. A partir do entendimento de interseccionalidade e discurso, discutidos no capítulo anterior, a categoria “preta patricia” emerge não só como uma *hashtag*, mas como um denominador do estilo de vida de jovens mulheres negras brasileiras.

O termo “patricia” surgiu na comunidade LGBTQ+. No Pajubá<sup>12</sup>, o termo costumeiramente tem significado próximo ao de “madame”. Uma personalidade importante que exemplifica esse uso é a cantora Pepita<sup>13</sup>, que faz usos emblemáticos desse termo em alguma de suas falas como em: “Deu uma preguiça agora. Uma preguiça assim quando você chega da facul, do cursinho, sabe? Aí, bate aquela preguiça assim de garota, de ninfeta, de patriciona... Nossa, me bateu agora.”

Esse termo é, entretanto, ressignificado e se torna político uma vez que é usado para se referir às mulheres negras. Isso é possível de perceber ao se retornar à citação anterior de Davis (p. 25, 2016), na qual ela afirma que um novo modelo de performance feminina foi estabelecido com o Capitalismo Industrial estadunidense. Esse novo modelo, no entanto, dizia muito respeito às performances femininas brancas. O que dizer sobre performances de feminilidade de mulheres negras?

Tentando responder essa pergunta, me surgem à mente as figuras das *Black American Princesses*, ou *B.A.P.S.*. Algumas vezes usado pejorativamente, o título *Black American Princess* ou, em tradução livre, Princesas Negras, foi criado pela comunidade negra estadunidense para descrever mulheres e homens negros de classe média e alta que possuem e esbanjam um estilo de vida luxuoso. Além de dar nome a um filme<sup>14</sup> estrelado por Haley Berry e Natalie Desselle, o título é personificado em Hillary Banks, a filha mais velha da família de classe alta da famosa série “Fresh Prince of Bel-Air” e em Dionne Davenport, do filme “Clueless” (As Patricinhas de Beverly Hills). As *B.A.P.S.*, mimadas e acostumadas com o melhor que a vida pode proporcionar, tornaram possível a emergência de uma nova performance de feminilidade negada às mulheres negras pela

---

<sup>12</sup> Diz-se que Pajubá se compreende enquanto dialeto de linguagem popular constituído de português-brasileiro e expressões provenientes de línguas africanas usado e originado na comunidade LGBTQ+.

<sup>13</sup> Acessível no link [https://www.youtube.com/watch?v=ZwEIK\\_G\\_UJ4](https://www.youtube.com/watch?v=ZwEIK_G_UJ4)

<sup>14</sup> “Ricas e Gloriosas” (1997) em português-brasileiro.

conjuntura da escravização. Analogamente, no Brasil, pretas patrícias se mostram como uma ruptura às narrativas empobrecidas sobre pessoas negras, trazendo à tona provas de prosperidade e beleza da comunidade. Entendendo que o surgimento dessa classe de mulheres negras foi possível (a) pela expansão da classe média negra através de políticas de inclusão pelo consumo propostas pelos governos do Partido dos Trabalhadores; (b) pela expansão do uso da internet; e (c) pelas formas que a Web 2.0 visibiliza uma plêiade de sujeitos que deixam de ser somente consumidores e passam a ser produtores de informação, a categoria “preta patrícia” se mostra como uma inovação política e sócio-discursiva.

Mulheres negras brasileiras, assim como as escravizadas estadunidenses, foram relegadas, por meio de um plano secular de cunho racista e classista dado início no estabelecimento da colônia, a somente servirem mulheres brancas que podem carregar o título de “patricinha”. A elas nunca foi possível ascender econômica e socialmente e ocupar espaços comumente brancos, sendo, então, reduzidas à condição servil. Entendendo esse quadro, lanço meu olhar para os sentidos criados por pretas patrícias, jovens mulheres (e homens) dedicadas a romper, severamente, com os ideais dominantes nas mídias sociais, plataformas de grande alcance, atividade e consumo da comunidade negra.

#### 4 Abordagens analítico-metodológicas

Após a contextualização e explicação de conceitos importantes para situar minha pesquisa no campo dos estudos sociais e de linguagem, separo esta parte para uma apreciação das abordagens analíticas que nortearão a geração de meu corpus de pesquisa e análise. Como afirmei na Introdução, escolhi adotar a rede social *Instagram* por conta, principalmente, da agência que a plataforma parece oferecer aos seus usuários. Isso é animador e excitante porque pesquisas que foquem nesse ambiente específico, até o momento da minha revisão, são escassas; mas muito desafiador porque isso passa a configurar minha pesquisa como etnografia virtual, um campo amplamente explorado, mas metodologicamente muito flexível segundo propõe Caliandro (2017) ao afirmar que “All these online ethnographic approaches convincingly demonstrate how ethnography is a flexible method (...)”

O que me proponho, então, é uma análise etnográfica virtual — estudo de uma comunidade criada por meio da interação social em redes sociais — de materiais coletados através do ambiente virtual da rede social *Instagram*. Delimito meu objeto de análise é o primeiro de dois *stories* sequenciais de aproximadamente 20 segundos. Esse *story* — pequeno vídeo ao vivo ou gravado que fica disponíveis na rede por 24 horas ou indefinidamente caso seja salvo — pertence a duas influenciadoras digitais residentes no estado do Rio de Janeiro: Josy Ramos e Nina Gabriela.

Sabendo de onde retirei o objeto e o porquê de ter feito isso, sou confrontada com a segunda parte mais difícil: como analisar os materiais que armazenei. Qual proposta de análise seria a mais oportuna para a investigação que quero fazer? É nesse momento que me aproprio de duas abordagens, sendo elas, a Análise Crítica do Discurso e a Análise Crítica Multimodal do Discurso.

Estudos multimodais na área de linguagem e discurso parecem ser, ainda, pouco divulgados. Adotar essa frente pareceu, portanto, uma boa oportunidade de contribuir para aumentar e até fomentar estudos nessa área. No entanto, eu precisava partir de um lugar minimamente conhecido e foi oportuno que esse lugar fosse o da Análise Crítica do Discurso (CDA<sup>15</sup>).

---

<sup>15</sup> Vou me referir a esse método pelo acrônimo formado pela terminologia em inglês, Critical Discourse Analysis.

O que era sabido por mim era que, para uma análise crítica do discurso, é necessário estabelecer associação entre estudos de linguagem e teoria social (algo sobre o qual falei anteriormente quando justificava a adoção de discurso a partir de Foucault) que dê conta da funcionalidade de línguas e dos processos políticos e ideológicos imbricados neles. Enquanto linguista aplicada e analista do discurso, então, se torna meu papel estudar escolhas linguísticas envolvidas na produção de textos. Retomando o que foi dito no capítulo anterior, se eu entendo que não é possível desenvolver uma análise do discurso que não dê conta das implicações sócio-históricas dos enunciados, eu preciso considerar que essas escolhas as quais me refiro não são randômicas e inconscientes, mas sim materializações de interesses ideológicos de quem cria os textos. Isso parece reverberar na afirmativa de Machin, Caldas-Coulthard e Milani que afirmam que a CDA “(...) investigates, reveals and clarifies how power and discriminatory values are inscribed in and mediated through the linguistic system”. (p. 302, 2016)

No caso da minha pesquisa, para ser mais objetiva, estou disposta a investigar — no desenvolvimento de uma pesquisa que se propõe a interpretar realidades sociais (BAUER; GASKELL; ALLUM, 2007) — uma categoria que um grupo e outras pessoas fora dele utilizam para referência. Seria isso algo diferente de análise do discurso? Apesar da CDA dar conta da análise a níveis linguístico e discursivo, se meus dados foram gerados em ambientes virtuais, tratar somente de texto escrito/ transcrito me faria ignorar uma faceta que a internet proporciona aos seus usuários: a confluência de semioses textuais e visuais.

A CDA surge como uma proposta de teorizar como é possível estabelecer link entre linguagem, poder e ideologia. Enquanto, então, a CDA teoriza ferramentas para análises a nível do texto, minha pesquisa, por conta da natureza dos dados em vídeo gerados em uma rede social, demanda um nível que dê conta de desenvolver uma análise mais cuidadosa, precisa e sistemática também dos aspectos visuais.

Kress e van Leeuwen são pioneiros no desenvolvimento de conceitos e ferramentas que aparelham analistas do discurso a descrever não somente os elementos de uma imagem, mas também como esses elementos se comunicam. Levando em consideração, então, as mesmas preocupações caras à Linguística Crítica, os dois teóricos cunham a Análise Multimodal (MACHIN; MAYR, 2012).

Concordando com a afirmação de Machin, Caldas-Coulthard e Milani (2016) de que “Multimodality has developed as, and into, a plethora of threads, all of which have very different interests and theoretical assumptions.” (p, 303), a multimodalidade surge para complementar a proposta da CDA ao me proporcionar possibilidade de analisar diferentes semioses presentes em enunciados retirados de ambientes virtuais. Em outras palavras, empregar uma Análise *Multimodal* Crítica do Discurso (MCDA<sup>16</sup>) me permite analisar interações nas quais a fala não é o único foco porque a fala é entendida como uma dentre várias modalidades.

O que espero conseguir fazer é colocar em curso uma análise motivada por uma abordagem multimodal interessada em entender os efeitos de semioses acionadas nos enunciados no contexto de produção dos stories. No entanto, minha análise não finda em uma observação conceitual. Com essas escolhas analíticas, objetivo investigar *como* os materiais semióticos empregados pelas influenciadoras se dão como prática social.

---

<sup>16</sup> Igual à CDA, vou me referir à proposta pelo seu acrônimo em inglês advindo de Multimodal Critical Discourse Analysis.

## 5 Metodologia de geração de dados

Retomando o capítulo anterior de forma mais objetiva, espero que a MCDA me ajude e instrumentalize na percepção dos sentidos, efeitos e desdobramentos na investigação da categoria “preta patricia”. Este capítulo, então, visa descrever a metodologia empregada e parte do processo de geração de dados a partir do *story* selecionado. Pelo espaço do qual disponho, descreverei um recorte do processo. Espero poder gerar melhores dados e explorá-los durante o aprofundamento da pesquisa na pós-graduação.

Como já mencionado, meu objeto de estudo são *stories* de *Instagram*. Especificamente, neste registro, explorarei o primeiro dos dois *stories* sequenciais das blogueiras Josy Ramos e Nina Gabriela. Antes, no entanto, cabe explicar que o próprio ato de criação dos *stories* demonstra que o contexto de produção de sentidos desse meio eletrônico (*Instagram*) é orientado, segundo Machin e Mayr (2012), por uma consciência dos sujeitos sobre o que eles produzem e almejam atingir com suas escolhas semióticas. Entendendo a agência dos sujeitos envolvidos nessas interações, irei analisar as escolhas semióticas encontradas. No entanto, contrariando o que entendo como uma prática comum na análise do discurso — de selecionar as categorias de análise a priori —, me alinho ao que propõe Cruz (2016) ao entender o próprio vídeo — em meu caso, o *story* — como um dado sócio-histórico. Isto significa que as semioses para as quais olharei não podem ser pré-definidas, mas precisam ser percebidas, tendo em vista que a etapa de transcrição dos materiais precisa, também, ser o foco da análise. Apesar disso, novamente pelo espaço do qual disponho, limitarei meu olhar para três das diversas dimensões que o vídeo mobiliza: dimensão linguística, dimensão corporal e dimensão material.

Para gerar os dados, primeiro, foi preciso considerar o que circunda, como afirma Oliveira (2019), a ocorrência do fenômeno. Nesse ponto, é importante mencionar, primeiramente, que, embora com nichos sutilmente diferentes, as influenciadoras têm como foco temas relacionados à moda, estética e estilo de vida de jovens mulheres negras. Seguindo as considerações de Oliveira (2019), a próxima etapa é a de transcrição do material visual. Por sua simplificação — até mesmo para o recorte de análise proposto aqui — me utilizo de alguns dos símbolos usados por Sacks, Schegloff e Jefferson (1974), com a incorporação de símbolos sugeridos por Marcuschi (1986), Schiffrin (1987) e Tannen (1989) (*apud* Oliveira, 2019) (Tabela 1).

...	Pausa não medida
,	Entonação de continuidade
<u>sublinhado</u>	Ênfase
: ou ::	Alongamentos
> palavra <	Fala mais rápida
[	Início de sobreposição de falas/legendas
(h)	Aspiração ou riso
↑	Subida de entonação

Tabela 1 - Símbolos de transcrição

Finalmente, em terceiro lugar, cabe a identificação dos modos de significação utilizados pelas blogueiras. Para esta monografia, delimitarei três: verbal, ângulo (angle), olhar (gaze) e manipulação de objetos (object manipulation) (Machin; Mayr, 2012). O modo “verbal” diz respeito à transcrição das falas e dos silêncios verbais do *story*; o modo “angle” explora, nesta pesquisa, a movimentação e ângulo da câmera do celular utilizada para a gravação do vídeo; o modo “gaze” trata do olhar das interagentes do *story*; e o modo “object manipulation” diz respeito ao gestos para, com e dos próprios objetos focalizados em câmera.

O processo de transcrição do modo “verbal” (Tabela 2) foi realizado manualmente, sem o auxílio de nenhum software e não conta com revisão por enquanto. No entanto, acredito ser oportuno para as anotações sobre os momentos de percepção dos atos, utilizar o *software* ELAN para anotações manuais e semiautomáticas. A escolha pela adoção do *software* se dá pelo olhar diferenciado em camadas que ele proporciona das anotações sobre o vídeo. Como é possível observar na Figura 1 e na Figura 2, o *software*

me permite anotar os dados em camadas (nas trilhas), facilitando a observação de vários níveis/ dimensões simultâneos de vários participantes, se for pertinente.

### **União das Pretas Patrícias**

J: Hoje foi dia de ser o ↑que,

N: Preta patrícia

J: Só:: nas saco::las das com:pras

N: [Só nas saco↑linhas  
Compramos muitas coisas]

J: > Preta patrícia faz assim, <

O mundo vai tê que aturar ↑gente

...

Não ↑vamô pei↑tá pra nin(h)guém

Tabela 2: Transcrição modo “verbal”

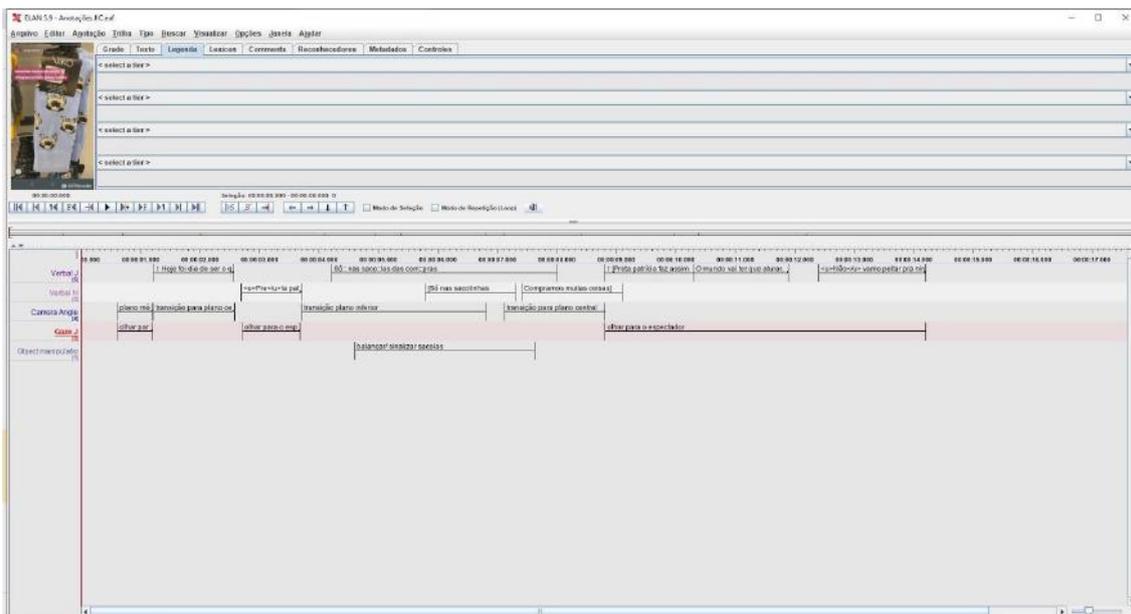


Figura 1: Janela ELAN

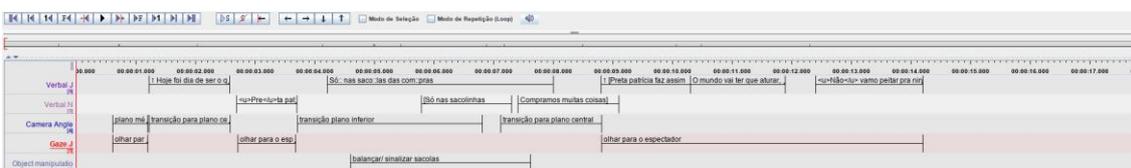


Figura 2: Trilhas de anotação

O vídeo é carregado no programa e trilhas são inseridas manualmente para separar as dimensões de análise. O programa também disponibiliza um espectrômetro que só fica disponível, no entanto, com arquivos no formato WAV. Cada trilha, como se pode observar na Figura 3, dá conta de cada modo de análise. A trilha “Verbal J” se refere às falas de Josy Ramos; “Verbal N”, às de Nina Gabriela; “Camera Angle” acompanha a câmera do celular, “Gaze J” da direção do olhar das duas blogueiras e “Object manipulation”, dos objetos na cena. As anotações se delimitam entre o tempo de início e final da ação, podendo ser sobrepostas em diferentes camadas.

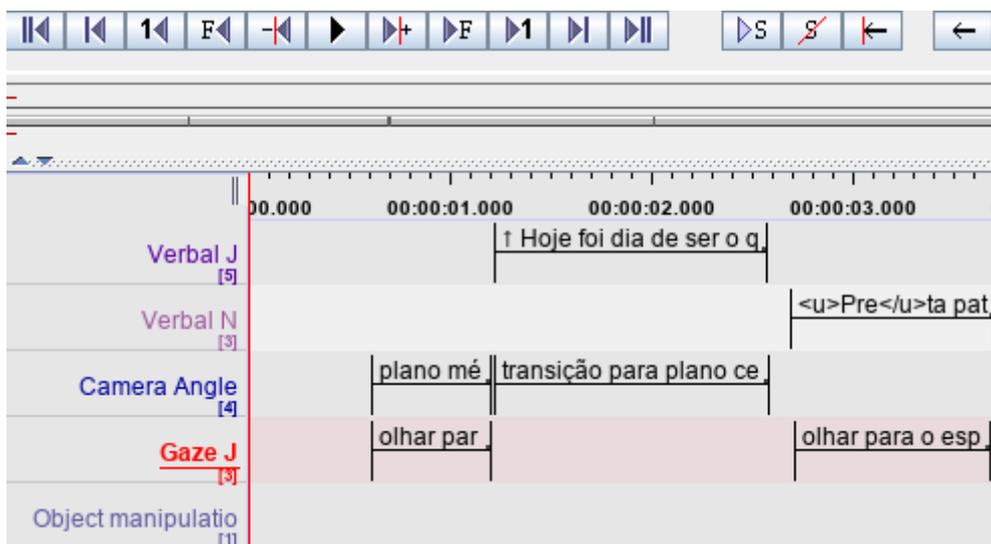


Figura 3: Trilhas de modos de análise

O software também disponibiliza uma tabela com colunas que dizem respeito às trilhas e às anotações, alinhadas a cada uma delas. Na Figura 4, é possível observar que a fala “Só nas sacolas”, a nível verbal, se dá no mesmo momento de transição de ângulo inferior para o central e da manipulação do objeto, por exemplo. Esse modo de anotações otimiza a visualização dos modos de significação e na delimitação e análise dos atos de fala.

Verbal J	Verbal N	Camera Angle	Gaze J	Object manipulation
↑ Hoje foi dia de ser o quê?	<u>Pre</u>ta patricia	plano médio; closeness	olhar para o espectador	balançar/ sinalizar sacolas
Só: nas sacolinhas das com.p...	[Só nas sacolinhas	transição para plano central	olhar para o espectador	
↑ [Preta patricia faz assim	Compramos muitas coisas]	transição plano inferior	olhar para o espectador	
O mundo vai ter que aturar, g...		transição para plano central		
<u>Não</u> vamos neither pra				

Figura 4: Tabela de trilhas e anotações

Tendo parte dos meus dados gerados, salvaguardando as limitações as quais me permiti pelo recorte da minha pesquisa que esta monografia apresenta, posso, então, partir para a análise.

## 6 Análise

A partir dos dados gerados, então, e observando a emergência das categorias “verbal”, “gaze”, “angle” e “object manipulation”, explicados no capítulo anterior, me encaminho para a etapa de análise. Reafirmando o compromisso com a MCDA, minha análise se pauta na observação crítica da coordenação de modos — mais de um, por isso multimodal — de significação notados no *story*. Para tal, recorro às anotações feitas no ELAN (processo descrito também no capítulo anterior) e às capturas de sequências do *story* para referenciar meus apontamentos.

Ao longo do *story*, é possível observar, respeitando-se as categorias delimitadas, a predominância de dois ângulos de câmera: o médio/ central e o inferior. Como demonstra a anotação do ELAN (Figura 5), a primeira comunicação verbal oral se dá concomitantemente à emergência do plano central. Ao ouvir “J: Hoje foi dia de ser o ↑que,”, o espectador é compelido a responder. Tal demanda parece ser desencadeada, no entanto, não só pelo tom ascendente da pergunta, mas sim pela coordenação desse modo, de dimensão linguística, com o modo “angle”, de dimensão corporal. Isso porque, segundo Machin e Mayr (2012), o plano central usualmente comunica uma aproximação dos sujeitos — nos vídeos, as influenciadoras — e seus espectadores — no contexto da rede social *Instagram*, os seguidores dos perfis. As influenciadoras fazem uso desse recurso semiótico de modo a conseguirem se aproximar de seus espectadores, situando-os no mesmo nível, lugar e tempo da ação que performam. Tais recursos são importantes para estabelecer uma conexão direta com os seguidores que, no contexto da Web 2.0, consomem os conteúdos das influenciadoras, promovendo engajamentos nas postagens e retorno financeiro por meio da monetização de algumas redes.

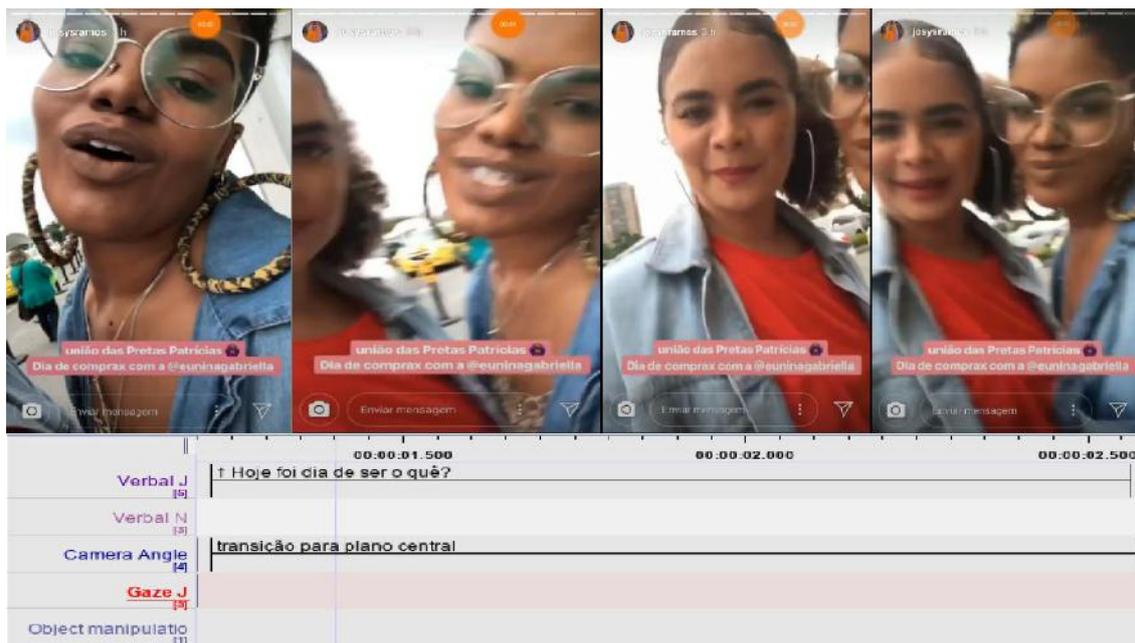


Figura 5: “Hoje foi dia de ser o quê?”

Considerando, ainda, o contexto da Web 2.0, a mobilização das categorias verbo-linguística e ângulo de câmera, no *story*, sinalizam outra dimensão dos usuários de redes sociais. Ao posicionarem os seguidores no mesmo nível que elas, as influenciadoras propiciam uma identificação direta com seus espectadores. A pergunta proferida, coordenada ao ângulo descrito, é, então, estendida aos seguidores dos perfis. Assim, os antes espectadores tornam-se interlocutores e agentes na interação em discussão, além de, consequentemente, coprodutores dos conteúdos que consomem.

As influenciadoras, com isso, também estabelecem uma forma de interação baseada na identificação que se repete em outros momentos do *story* e é reforçada pela articulação de outros modos. Isso se prova no momento indicado na Figura 6, no qual as categorias de “gaze” e “verbal” foram anotadas. A sequência inicia, por poucos milissegundos (00:02:690 contra 00:02:710), com a resposta direta ao questionamento anterior pela resposta “N: Preta patricia”<sup>17</sup>. Operando, como proposto por Machin e Mayr (2012), como forma de reconhecimento da presença do interlocutor, o olhar das influenciadoras parece demandar uma resposta que valide e reforce a que elas ofereceram.

Essa sugestão se pauta em uma segunda função da “gaze” assinalado, descrito por Kress e van Leeuwen (apud Machin; Mayr, 2012) como “demand image”. Essa imagem

<sup>17</sup> O símbolo <u> </u>, no lugar de, foi utilizado no ELAN por conta de uma limitação do software.

do olhar que convida, que demanda uma resposta direta do interlocutor se baseia em uma resposta compélida quando, em uma interação, nossa presença é reconhecida. O que quero dizer é que, ao olhar diretamente para os interlocutores, as influenciadoras demandam uma resposta — não necessariamente verbal — que corrobore a que elas ofereceram: de que hoje é dia de ser preta patrícia.

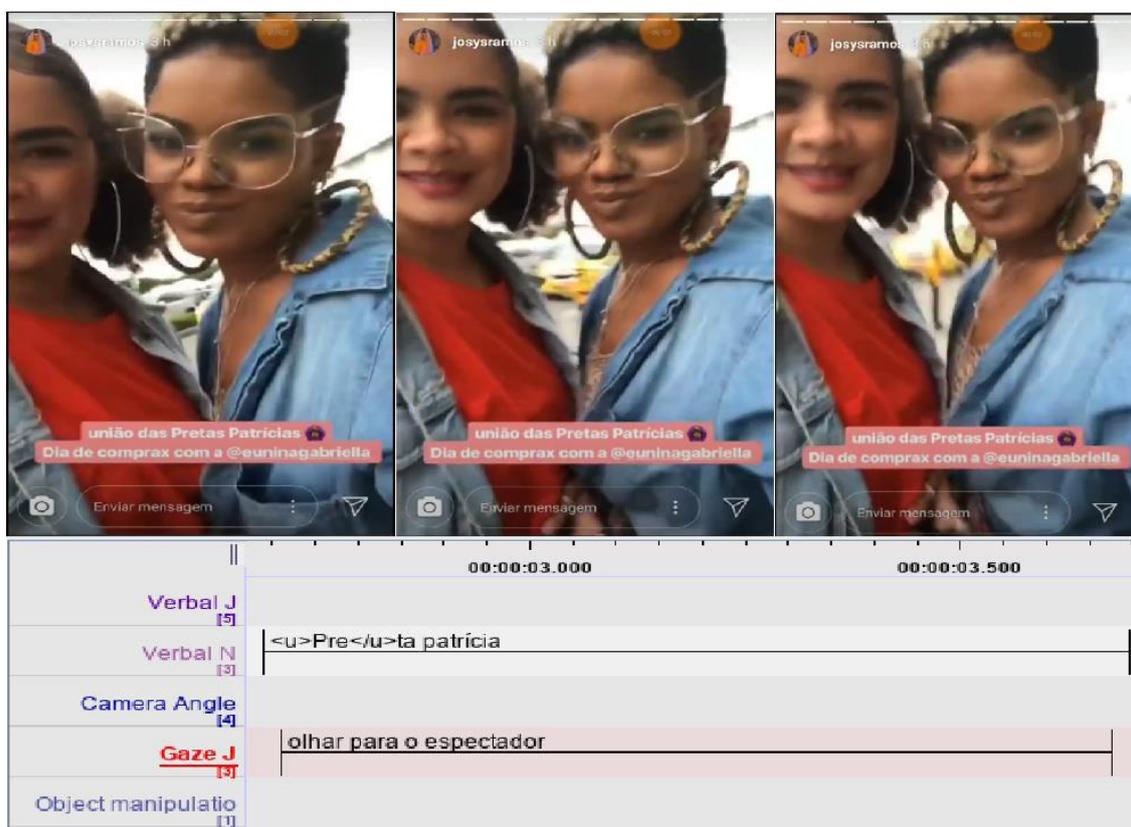


Figura 6: “Demand image” (MACHIN; MAYR, 2012)

É interessante perceber, também, que a escolha de “gaze” parece apontar, quando articulada ao texto fixado exposto na Figura 7, uma forma de referenciação (van LEEUWEN, 1996, apud Machin; Mayr, 2012) por nominalização. Entendendo o tipo de resposta que o “gaze” observado demanda e a identificação que se estabelece entre influenciadoras e interlocutores, o texto “união das Pretas Patrícias” delimita um grupo no qual as influenciadoras discursivamente se incluem e que passa a compreender, também, todo interlocutor que oferecer a resposta que o “gaze” pede. É mais um dos modos de cativar os seguidores e fazê-los tomar parte na interação.

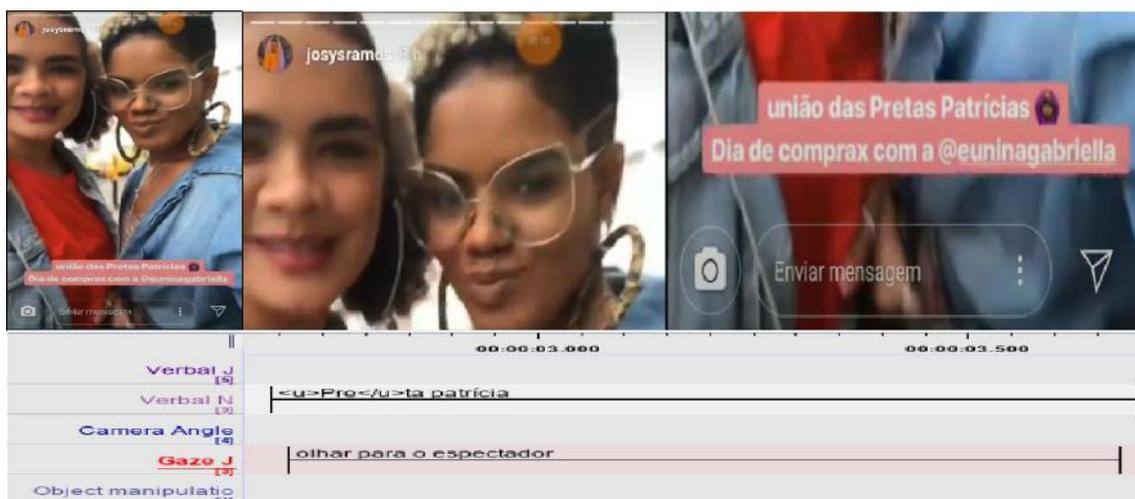


Figura 7: “união das Pretas Patrícias”

O momento seguinte é introduzido pela categoria “angle”. A partir da transição do plano central para o inferior, as influenciadoras posicionam o objeto como protagonista da ação, no que poderia ser descrito como um processo de foregrounding<sup>18</sup> de um dos suportes da interação. Nesse processo, as declarações verbais das influenciadoras vão, então, para o background — para o fundo, para o plano posterior. A partir dessa mudança de planos, a declaração “J: Só:: nas saco::las das com:pras”, coordenada ao ato de sacudir as sacolas de compras nas mãos das influenciadoras (Figura 8) – compreendido na trilha “object manipulation” — estabelece referente explícito material à descrição verbal. O alongamento das sílabas com vogal posterior arredondada média-baixa [ɔ] — que vai, muito inteligentemente, além do estabelecimento de ritmo de fala — estende a descrição verbal por toda a duração da manipulação dos objetos, reforçando a proposição de que se trata de uma relação referenciado (objeto) - referente (fala).

<sup>18</sup> Diz respeito a colocar o objeto em primeiro plano na cena.



Figura 8: Relação referenciado (objeto) – referente (fala)

Cabe atentar-se para a emergência, em 00:05:079, da fala da segunda influenciadora. A partir da declaração “N: [Só nas sacolinhas]”, as influenciadoras estabelecem mais uma associação. Diferente de indicar sacolas de proporções menores do que as usuais, a referência de “sacolinhas” aponta para uma função mais afetiva do diminutivo em “-inhas”. Transpondo o diminutivo para uma experiência psicológica, as influenciadoras associam o ato de consumo, representado pelas sacolas, à satisfação afetiva. Diferentemente de perfis voltados para a venda direta de produtos, a relação criada com os interlocutores é a de que uma “união das Pretas Patrícias” se baseia não em um quid-pro-quo de engajamento-monetização, mas sim de uma irmandade de afeto a partir do compartilhamento, nesse momento, de uma característica: a possibilidade de usufruir de uma vida satisfatória a partir da aquisição de bens de consumo. Ainda nesse ponto da discussão, o *emoji* utilizado no texto fixado da Figura 9 parece adicionar mais uma camada a essa tese. Trata-se de uma mulher negra, usando o que parece ser uma blusa roxa de mangas longas, com os braços levantados ao redor da sua cabeça, os dedos das mãos se tocando no topo do cabelo. Um sinal comumente utilizado, o círculo, ou a alusão a ele feita pelos braços da mulher no *emoji*, parece sugerir a ideia de se trata da representação pictográfica de um grupo autodenominado de “união das Pretas Patrícias”.

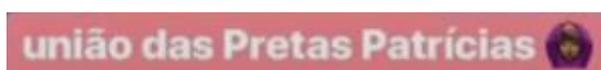


Figura 9: Emoji “braços em círculo”

O último momento do story que cabe analisar aqui é o ilustrado na Figura 10. Novamente estabelecendo uma conexão com o interlocutor por meio de uma “demand

image”, as influenciadoras buscam validação das declarações “J: > Preta patrícia faz assim, <”. Com a validação dos interlocutores, uma nova dimensão de prática discursiva da categoria é criada. Ser preta patrícia, nesse sentido, se compreende em imagens de identificação com interlocutores e imagens de consumo. Ao olhar diretamente para os interlocutores, uma espécie de regra de conduta da “união das Pretas Patrícias”.

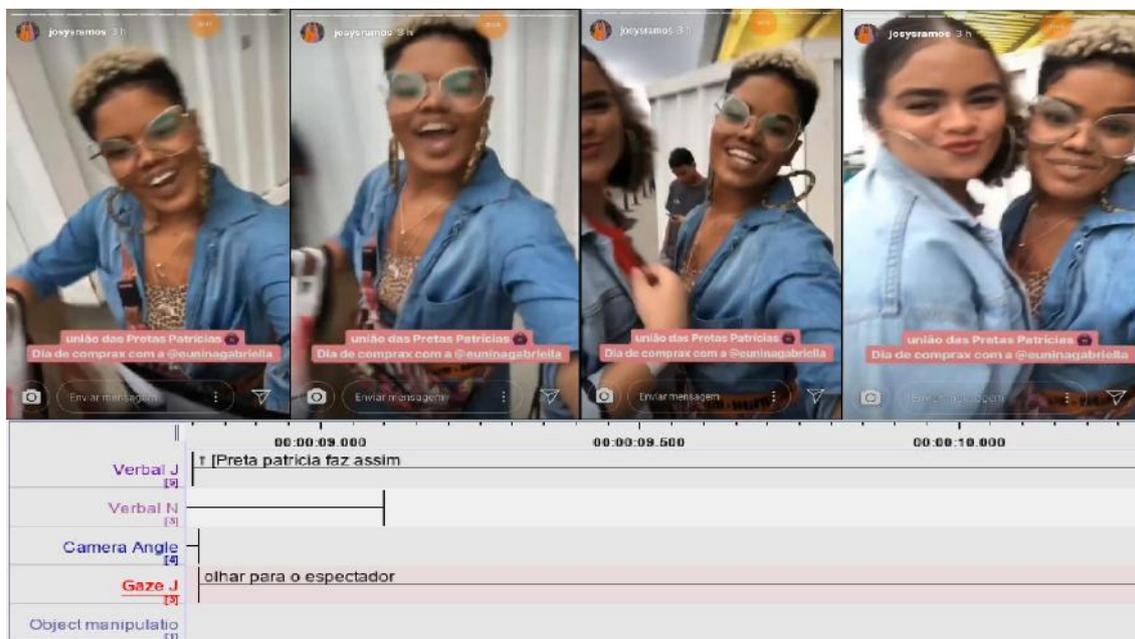


Figura 10: “Preta patrícia faz assim.”

Retomando, então, as perguntas norteadoras dessa pesquisa, me cabe considerar algumas questões. Ao se pensar sobre as formas pelas quais a categoria Preta Patrícia é forjada — o que remete à primeira pergunta<sup>19</sup> — a análise aponta para a criação de um grupo de criadoras e consumidoras de conteúdo na internet. Pretas patrícias não são só as influenciadoras; são também as seguidoras que consomem, validam e co-constroem suas práticas discursivas enquanto pretas patrícias.

Repensando como os sentidos da categoria são forjados discursivamente<sup>20</sup>, observar a articulação dos modos anotados parece ser o curso de ação apropriado dada a abordagem metodológica escolhida. Optei por priorizar, na análise, as categorias “verbal”, “gaze”, “angle” e “object manipulation”, mas reconheço que outros modos de significação podem ter sido mobilizados. Apesar disso, aponto que os discursos mobilizados pela categoria, nesse *story* especificamente, baseiam-se na identificação, co-construção, agrupamento e validação de regras de conduta. É a partir da identificação com

<sup>19</sup> (1) De que forma a categoria “Preta Patrícia” é forjada em redes sociais?

<sup>20</sup> (2) Como os sentidos são forjados discursivamente?

as influenciadoras, propiciada pela manipulação dos ângulos de câmera e olhar dos sujeitos do *story*, principalmente, que os então espectadores passam a interlocutores. Nesse papel, respondendo o “olhar para o espectador” (“gaze”), os interlocutores consolidam as falas das influenciadoras como verdadeiras, passando a construir, também, os discursos que forjam a categoria. A relação estabelecida, portanto, entre os sujeitos da interação do *story*, permeada pela referenciação da forma de manipulação do objeto em cena, é a de um grupo de pessoas cujas demandas afetivas são satisfeitas pela possibilidade e acesso ao consumo. Finalmente, e respondendo, em parte a minha terceira pergunta<sup>21</sup>, pelo menos uma regra de conduta parece ser firmada entre os agentes da interação, para o grupo de pretas patrícias, a partir do olhar direto ao interlocutor: a afirmação de que a categoria preta patrícia se firma na identificação de formas de consumo.

---

<sup>21</sup> (3) Quais os efeitos desses sentidos?

## 7 Considerações finais

Antes de finalizar esta monografia, acho necessário retomar alguns elementos sobre os quais discorri nos capítulos iniciais. Meu propósito com isso é evitar pontas soltas nesse texto, apesar de acreditar ser inevitável lidar com todas as questões, em sua totalidade, em qualquer forma de registro. De todo modo, acredito ser pertinente retomar os pressupostos teóricos, considerando agora a dimensão analítica do último capítulo.

Um movimento de retomada das figuras da *B.A.P.s* é interessante, nesse ponto, para pensar como a análise multimodal do *story* parece confirmar a tese de que a categoria “preta patricia” cria um modelo de feminilidade. Forjada a partir da intersecção entre gênero, raça e classe, a categoria — a partir do *story*<sup>22</sup> — emerge no entremeio de uma noção de classe em “patricia”, com significado, no Pajubá, próximo à madame que, assim como *B.A.P.s*, é entendido de forma pejorativa por alguns grupos. O modificador “preta” replica as referências majoritariamente femininas das *B.A.P.s* nas pretas patricias, como representantes dessa nova ideologia de feminilidade para a qual Davis (2016) já nos chamava a atenção. Por entender que o acirramento de papéis sociais de gênero e raça foram, no contexto dos Estados Unidos pós Guerra Civil, consequentes do desenvolvimento do Capitalismo Industrial, entendo que *B.A.P.s* e Pretas Patrícias compartilham da mesma implicação sócio-histórica: mesmo com apogeu temporalmente distante, ambas categorias parecem promover novas formas de sociabilidade para a comunidade negra.

É importante retornar, também, à concepção de Discurso no meu estudo e a como ele se relaciona ao que foi possível traçar sobre a categoria no *story*. Tal qual o sentido foucaultiano, o próprio discurso de pretas patricias é dialogicamente constituído e constitui novos sujeitos, novo modelo de feminilidade e novas formas de socialização. A emergência da categoria, forjada discursivamente em diferentes modos, está situada em um contexto de aumento de poder de compra da população negra, fomentado pelo ativismo político do Movimento Negro e por políticas governamentais econômicas dos governos Lula e o consequente acesso a artigos “de luxo”, antes tidos como inalcançáveis. Nesse sentido, similarmente às *B.A.P.s*, o discurso até então atrelado à Pretas Patrícias

---

<sup>22</sup> E essa limitação precisa ser frisada porque não acredito que a análise de uma interação curta em contexto específico seja o bastante para dar conta da complexidade do fenômeno.

implica a prosperidade e sucesso da comunidade, complexificando, diversificando e enriquecendo as trajetórias de pessoas negras no Brasil.

Concluo minha análise com alguns apontamentos relativos aos encaminhamentos da minha pesquisa acadêmica. A análise da comunicação visual, amplamente desenvolvida, aqui se complexifica pela escolha do material. Analisar *stories* de *Instagram* — algo ainda não documentado em pesquisas em Linguística Aplicada — me propicia uma nova forma de olhar às novas formas de significação na sociedade, marcadas pela produção e comunicação através da coordenação de vários modos semióticos. Isto posto, não será a análise de apenas um *story* que dará conta de novos fenômenos discursivos interacionais multimodais em plataformas sociais como o *Instagram*, mas espero que a pesquisa desenvolvida até aqui seja o primeiro passo de uma trajetória longa, pessoalmente satisfatória, epistemicamente relevante e prolífica.

## 8 Referências

AKOTIRENE, C. O que é interseccionalidade? Belo Horizonte: Letramento: Justificando, 2018.

BAUER, Martin W.; GASKELL, George; ALLUM, Nicholas C.. Quality, quantity and Knowledge Interests: Avoiding Confusion. In: BAUER, Martin W.; GASKELL, George. **Qualitative Researching With Text, Image and Sound**. Londres: Sage, 2007. p. 3-17.

BONILLA, Y.; ROSA, J.. #Ferguson: Digital protest, hashtag ethnography, and the racial politics of social media in the United States. *American Ethnologist*, [s.l.], v. 42, n. 1, p.4-17, 15 jan. 2015. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/amet.12112>.

CALIANDRO, A.. Digital Methods for Ethnography: Analytical Concepts for Ethnographers Exploring Social Media Environments. *Journal Of Contemporary Ethnography*, [s.l.], p.01-28, 29 abr. 2017. SAGE Publications.

DAVIS, A. **Mulheres, Raça e Classe**. São Paulo: Boitempo, 2016.

FAIRCLOUGH, N. **A Social Theory of Discourse**. In: FAIRCLOUGH, Norman. *Discourse and Social Change*. Cambridge: Polity Press, 1992. p. 41.

FERNANDES, K.B. **Um guia para a análise crítica multimodal**. Galáxia (São Paulo), [s.l.], n. 41, p.183-186, 23 maio 2019. FapUNIFESP (SciELO). <http://dx.doi.org/10.1590/1982-25542019240203>.

KILOMBA, Grada. Carta da autora à edição brasileira. In: KILOMBA, Grada. **Memórias da plantação: episódios de racismo cotidiano**. Rio de Janeiro: Cobogó, 2019. p. 11-21.

MACHIN, David; CALDAS-COULTHARD, Carmen Rosa; MILANI, Tommaso M. Doing critical multimodality in research on gender, language and discourse. **Gender And Language**, [S.L.], v. 10, n. 3, p. 301-308, 26 set. 2016. Equinox Publishing. <http://dx.doi.org/10.1558/genl.v10i3.32037>.

MACHIN, David; MAYR, Andrea. **How To Do Critical Discourse Analysis**. Londres: Sage, 2012.

MAIA, D. G.. **Interseção da Análise Crítica do Discurso e da Semiótica Social: Uma Análise do Texto Multimodal das Camisas de Formatura**. In: SIMPÓSIO NACIONAL E INTERNACIONAL DE LETRAS E LINGUÍSTICA, 1., 2013, Uberlândia. Anais... . Uberlândia: Simpósio Nacional e Internacional de Letras e Linguística, 2013. v. 3, p. 1 - 31.

OLIVEIRA, Danielle Ferreira de. **É GOLPE SIM! COM SUPREMO, COM TUDO: uma análise da comunicabilidade do jornal nacional no processo de destituição de Dilma Roussef em 2016**. 2019. 162 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

VIEIRA, Josenia. A Multimodalidade nos Eventos de Letramento. In: VIEIRA, Josenia; SILVESTRE, Carminha. **Introdução à Multimodalidade**: contribuições da gramática sistêmico-funcional, análise do discurso crítica e semiótica social. Brasília, DF: J. Antunes Vieira, 2015. p. 43-72.